

ENTREVISTA EXCLUSIVA

que eu acompanhara durante a década de 1990 - se abriam ao mundo e faziam da cidade o berço global da esperança e da luta por um mundo melhor.

A segunda foi a impressionante presença de muitos milhares de dalits no FSM de Mumbai e a sua espetacular capacidade para ultrapassar a barreira da língua e nos transformar a todos em seus companheiros de luta pela igualdade e pela dignidade. A terceira foi viver intensamente o FSM de Nairobi de 2006 e o modo como os companheiros africanos venceram o preconceito (infelizmente presente dentro dos próprios órgãos do FSM) de que os africanos seriam incapazes de organizar um evento da envergadura do FSM.

JB: Qual o balanço que o senhor faz das nove edições do FSM ?

BSS: O impacto do movimento do FSM ao longo desta década foi muito superior ao que se imagina. Dou apenas alguns exemplos. A ascensão ao poder dos presidentes progressistas da América Latina não se pode entender sem o fermento de consciência continental por parte dos movimentos sociais gerado no FSM ou potenciado por ele. O bispo Fernando Lugo, hoje presidente do Paraguai, veio ao primeiro FSM de automóvel por não ter dinheiro para pagar a viagem de avião. A luta travada com êxito contra a ALCA e os tratados de livre-comércio foi gerada no FSM. Foi em função da mobilização do FSM que o Fórum Econômico Mundial de Davos (Suíça) mudou de retórica e de preocupações políticas (a pobreza, a importância das organizações não governamentais e dos movimentos sociais). Foi também sob a pressão das organizações do FSM especializadas na luta contra a dívida externa dos países empobrecidos pelo neoliberalismo que levou o Banco Mundial a aceitar a possibilidade de perdão dessas dívidas. O processo do FSM deu visibilidade às lutas dos povos indígenas e fortaleceu-lhes a dimensão continental e global das suas estratégias. Deu, igualmente, visibilidade às lutas das castas inferiores da Índia

(os dalits), particularmente a partir do FSM realizado em Mumbai em 2005. Acima de tudo, o FSM deu credibilidade à ideia de que a democracia pode ser apropriada pelas classes populares e que os seus movimentos e organizações são tão legítimos quanto os partidos na luta pelo aprofundamento da democracia.

JB: Qual a importância das decisões do FSM para os países emergentes?

BSS: Foi no primeiro Fórum que se discutiu a importância de os países de desenvolvimento intermediário e com grandes populações - como o Brasil, a Índia, a África do Sul - se unirem como condição para que as regras de jogo do capitalismo mundial fossem alteradas. Um dos participantes nas discussões viria a ser logo depois o articulador da política externa brasileira. E os BRIC e o G-20 aí estão. O FSM teve uma importância decisiva em denunciar a hipocrisia e a injustiça da ortodoxia financeira e econômica do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional e da Organização Mundial de Comércio, abrindo espaço político para comportamentos heterodoxos de que se beneficiaram, sobretudo, os países ditos emergentes.

JB: O FSM conseguiu tornar-se um contraponto ao Fórum Econômico Mundial de Davos?

BSS: Depende do que se entender, por contraponto. Se por contraponto se entende uma presença mediática de nível equivalente ao do FEM e com orientação política oposta, o FSM não conseguiu ser contraponto nem era de esperar que o conseguisse. No início, o FSM foi uma novidade total e por isso atraiu a atenção da grande mídia. Depois o interesse midiático desvaneceu-se e em boa parte por isso foi-se criando a ideia de que o FSM estava perdendo ritmo e capacidade de atração. Se por contraponto se entende a criação de um pensamento global estruturado sobre o estado do mundo e as perspectivas futuras (tipo think tank) e de orientação política contrária à do FEM tão pouco se pode dizer que o FSM conseguiu ser um contraponto e neste caso isso

se deve, em parte, a erros estratégicos que foram cometidos no interior do próprio processo do FSM. Ser contraponto significa ser contra a corrente e, tal como nadar contra a corrente é muito mais difícil do que nadar com a corrente, não seria de esperar que fosse fácil ao FSM coordenar ideias e movimentos na luta contra a dominação capitalista. Acresce que desde o início, uma das forças do FSM (a diversidade dos movimentos e lutas que acolheu e o espírito de inclusividade com que o fez) foi também uma das suas fraquezas. Tratou-se de uma ambiguidade originária na relação entre movimentos que se opõem ao ca-

pitalismo, em geral, e movimentos que se opõem a este capitalismo predador e antirreformista (o neoliberalismo), entre movimentos que acreditam na ideia de progresso da modernidade ocidental e os que a rejeitam, entre movimentos que pensam que o racismo e o sexismo são lutas secundárias e os que se recusam a estabelecer hierarquias abstratas entre as lutas, etc. A formulação de um pensamento global pressupõe um horizonte de futuro, seja ele o "capitalismo humanista" ou anticapitalismo (que, por sua vez, pode designar-se como socialismo ou não), seja ele mais desenvolvimento ou a ideia indígena da solidariedade e da harmonia com a natureza (Sumak Kawsay dos povos andinos), seja ele um futuro de igualdade ou um futuro de diferenças iguais. Apesar de todas estas diferenças, penso que teria sido possível formular um pensamento estruturado que precisamente as reconhecesse e articulasse. Um certo anti-intelectualismo combinado com algum faccionalismo disfarçado de antifaccionalismo juntaram-se para impedir que se organizassem as muitas energias de massa crítica e propositiva existentes no interior do FSM. Desperdiçou-se, assim, muita experiência e muita reflexão. Se, finalmente, se entender por contraponto a criação de uma moldura ou formato geral para formular ideias alternativas ao pensamento dominante e credibilizar ações coletivas que o contradizem na prática, parece-me incontestável que o FSM conseguiu ser um contraponto ao FEM. Basta ter presente o modo como o FSM se multiplicou ao longo da década em centenas de Fóruns regionais, temáticos e locais. Basta ter presente a intensificação das articulações entre movimentos semelhantes em diferentes partes do mundo, como, por exemplo, entre movimentos indígenas ou entre movimentos de mulheres tornados possíveis pelo processo do FSM.

JB: Quais as perspectivas que o senhor vê para o FSM nas suas próximas edições e que deverão ser a linha orientadora a partir do FSM 10?

BSS: Antes de mais nada, não é correto imaginar transformações profundas no curto prazo em resultado da atual crise financeira, econômica, energética e ambiental, apesar de o simples acúmulo das crises ser significativo. Os movimentos e organizações do FSM têm hoje uma experiência social enorme que os faz analisar com alguma reserva todos

os anúncios de crises finais do capitalismo. O capitalismo tem uma capacidade enorme de regeneração. Como vimos recentemente, os mais furiosos adeptos do neoliberalismo nem sequer pestanejaram para aceitar a mão do Estado na resolução da crise, o que por vezes envolveu nacionalizações, a palavra maldita dos últimos 30 anos. Por isso,

“O balanço da década do FSM deve ser orientado para o futuro e não para nos flagelarmos com análises críticas do passado”

o FSM e todas as novas formas de ativismo global que resultarem dele vão aprofundar as suas agendas tendo em mente esse realismo na base do qual podem construir novos radicalismos. O balanço da década do FSM deve ser orientado para o futuro, e não para nos flagelarmos com análises críticas do passado. Em meu entender, as perspectivas de futuro deveriam alinhar-se pelas seguintes ideias:

1- A mundialização real do FSM. Em retrospecto, o FSM da última década foi, sobretudo, um Fórum Social Latino-americano. Foi neste continente que a ideia do FSM cativou verdadeiramente a imaginação dos movimentos sociais e se transformou numa fonte autônoma de energia contra a opressão e a dominação. Essa fertilização do inconformismo teve repercussões muito para além do FSM, nos processos políticos que tiveram lugar em muitos países do continente. Em nenhum outro continente temos hoje um conjunto tão vasto de países com governos progressistas e com formas tão intensas de articulação política entre eles apesar das muitas diferenças que os separam. Está a emergir uma consciência continental, mais de um século depois de o grande José Martí a ter preconizado como Nuestra América. É uma consciência difusa, mas tem como ideias centrais a recusa militante da ideia imperial da América Latina como quintal dos EUA e a reivindicação de formas de cooperação econômica e política que se pautam por princípios de solidariedade e reciprocidade, alternativos aos que subjazem aos tratados de livre-comércio. E esta consciência, longe de ser um monopólio de estadistas, está hoje presente nas fortes articulações continentais entre movimentos sociais e começa a germinar nas identidades dos cidadãos do continente. É disso sinal a criação da cidadania latino-americana proposta pela nova Constituição do Equador. Nada disto ocorre em outros continentes e é mesmo problemático se a unidade "continente" vale da mesma maneira em todos os casos. Na África há um forte movimento de

“O bispo Fernando Lugo, hoje presidente do Paraguai, veio ao primeiro FSM de automóvel por não ter dinheiro para pagar a viagem de avião”